

O corpo e a relação com o mundo: a Educação Física e as pessoas com necessidades educacionais especiais

Letícia Soldateli

Mara Rubia Antunes

Universidade Federal de Santa Maria / Centro de Educação Física e Desportos / Santa Maria /RS

Resumo

O corpo é expressão, é sentimento, é vida, através dele mostramos o que somos. A nossa relação com o mundo se dá através do corpo. Esse aspecto nos faz pensar na união de duas áreas de conhecimento: Educação Especial e Educação Física, como possíveis e transformadoras, buscando um refletir e repensar a educação, com pensamentos sobre diversidade, diferente, inclusão, dentre outros aspectos. E, assim, nos tornamos impulsionados a buscar, encontrar respostas para os nossos questionamentos, e um deles é o tema deste estudo: o corpo de alunos com necessidades educacionais especiais como meio de relacionamento com o mundo. Pretende-se com este estudo, mostrar como professores de Educação Física trabalham o corpo de alunos com necessidades educacionais especiais como meio de relacionamento com o mundo. Esta pesquisa caracteriza-se como Estudo de caso, dentro de uma abordagem qualitativa, a entrevistada foi 01 professora de Educação Física, que desenvolve suas atividades com os alunos com necessidades educacionais especiais, de uma escola da rede pública no município de Balneário Camboriú/SC/Brasil. Teve-se como encaminhamentos metodológicos: identificação das escolas que possuem alunos com necessidades educacionais especiais que participam das aulas de Educação Física; aplicação da entrevista semi-estruturada com a professora que trabalha com os alunos com necessidades educacionais especiais, transcrição e análise dos dados. Pensar no trabalho do corpo com os alunos com necessidades educacionais especiais como meio de relacionamento com o mundo é essencial e extremamente importante, é uma maneira de repensar a educação e tentar driblar aquilo que o mercado impõe. Aprender a conviver com a diversidade e valorizá-la é fundamental, é fazer uma leitura com olhos de quem aceita o mundo com as diversas diferenças, as quais brotam da individualidade do ser humano, é ajudar a construir um mundo novo, Gaio (2006). Não aceitar a diferença, não reconhecê-la e não fazer dela instrumento de construção, crescimento social e igualdade entre pessoas. É preciso pensar na aceitação da diferença, reconhecer a diferença, fazer dela um instrumento de construção, crescimento social e igualdade entre pessoas. O que for feito nos dias de hoje em nome da questão da deficiência terá significados no mundo de amanhã.

Palavras-chave: inclusão – escola – Educação Especial – Educação Física – corpo

e-mail: antunes@smail.ufsm.br

Telefones: (55) 32208177 ou (55) 96223852

O corpo e a relação com o mundo: a Educação Física e as pessoas com necessidades educacionais especiais

Letícia Soldateli
Mara Rubia Antunes

O início do tema...

O corpo é expressão, é sentimento, é vida, através dele mostramos o que somos. A nossa relação com o mundo se dá através do corpo. Esse aspecto nos faz pensar na união de duas áreas de conhecimento: a Educação Especial e a Educação Física, como possíveis e transformadoras, buscando um refletir e repensar a educação, com pensamentos sobre a diversidade, o diferente, a inclusão... E, assim, nos tornamos impulsionados a buscar, a encontrar respostas para os nossos questionamentos, e um deles é o tema de nosso estudo: o corpo de alunos com necessidades educacionais especiais como meio de relacionamento com o mundo.

Muito importante para este estudo é **trazer** um pouco da abordagem histórica da Educação Especial, apontando o que mais marca e caracteriza cada época, para assim mostrar o quanto o preconceito e a discriminação acompanham as pessoas com necessidades educacionais especiais; deixando, assim, a sua relação com o mundo, através do corpo, um tanto deficitária, pois a visão da sociedade de enxergar somente a deficiência e não o que realmente essa pessoa é, ainda prevalece.

Ao se falar da Educação Especial, levando em conta a abordagem histórica, podemos dividi-la em três épocas:

Na primeira época, que podemos dizer “primórdios da Educação Especial”, pelos finais do século XVIII, as probabilidades de sobrevivência das crianças que nasciam com deficiência eram mínimas, pois morriam precocemente ou eram sacrificadas. Fica explícito o abandono social e o extermínio (MAGALHÃES, 2003). Ou seja, como diz Bautista (197, p.22), “Esta época é caracterizada pela ignorância e rejeição do indivíduo deficiente”.

Na Idade Média a Igreja condenou o infanticídio (tão normal na sociedade antiga), mas essa prática, como nos cita Áries citado por Gaio (2006), era realizada

em segredo, ou melhor, dizendo camuflada sob a forma de um acidente, onde, por exemplo, crianças morriam asfixiadas de forma natural na cama dos pais, enquanto dormiam. Nada se fazia para salvá-las. Isso, no entanto, não era confessado e nem considerado, por quem praticava, um ato vergonhoso; era, pois, parte das coisas moralmente neutras, as quais a Igreja e o Estado condenavam... Mas praticadas em segredo, numa semiconsciência, no limite da vontade, do esquecimento e da falta de jeito.

Condenou o infanticídio, mas, por outro lado, acalentou a idéia de atribuir a causas sobrenaturais as anormalidades das pessoas, considerando-as possuídas pelo demônio e submeti-as, então, a práticas de exorcismo. (BAUTISTA, 1997). É como nos diz Magalhães (2003 p. 30): "... o dilema caridade-castigo é estabelecido; as crianças com deficiência, como cristãos, possuem alma, portanto não podem ser sumariamente sacrificadas. Por outro lado, são passíveis de pecado e merecem castigo divino".

Bautista (1997) nos diz que, nos séculos XVII e XVIII, os deficientes mentais eram internados em orfanatos, manicômios, prisões e outros tipos de instituições. Nesses locais ficavam junto de delinquentes, velhos, pobres... indiscriminadamente.

Na segunda época, que podemos chamar de "Era das instituições", por finais do século XVIII e princípios do século XIX, inicia-se o período da institucionalização especializada de pessoas com deficiência. É a partir desse momento que podemos considerar ter surgido a Educação Especial (BAUTISTA, 1997).

É uma época, segundo Magalhães (2003), de início do atendimento meramente caritativo (assistencialismo). Onde as pessoas com deficiência livram-se do abandono explícito e ganham cuidados em instituições, que acabam por ter um caráter mais assistencial do que educativo.

Nessa perspectiva mais assistencial do que educativa, mostrasse aquilo que bem nos fala Gaio (2006): que aparentemente os deficientes ocupavam um espaço na sociedade. Aparentemente, pois viviam sempre à margem dos acontecimentos da sociedade que os criava, os recuperava e os discriminava. Discriminava, pois os isolava cada vez mais do conjunto de possibilidades reais, de possíveis realizações, e acabavam, assim, expulsando-os do direito à vida.

Bautista (1997) diz que a idéia que se tinha era de proteger a pessoa normal da não normal, onde essa última era considerada um perigo para a sociedade. Acontecia, também, o inverso: o deficiente precisava ser protegido da sociedade, a

qual só poderia lhe trazer danos e prejuízos. O resultado vem a ser a separação do deficiente, segregação e discriminação (BAUTISTA, 1997).

Nessa época, escolas são abertas fora das povoações, com a argumentação de que o campo proporcionaria uma vida mais alegre e saudável para as pessoas com deficiência. Dessa forma, a consciência coletiva estava tranqüila, pois proporcionava cuidado e assistência a quem necessitava, protegendo, assim, o deficiente da sociedade, mas esta sem ter de suportar seu contato (BAUTISTA, 1997).

A última, das três épocas que dividimos a abordagem histórica, pode ser chamada de “Época Atual”. A partir do século XX, quando se aplica à divisão do trabalho à educação nasce uma pedagogia diferente, uma educação especial institucionalizada. Proliferam-se, multiplicam-se as classes especiais e escolas especiais. No meio educativo se verifica a substituição das práticas segregadoras por práticas e experiências integradoras (BAUTISTA, 1997).

Gaio (2006) escreve que é nesse período que começamos a localizar e enxergar algumas iniciativas que podem ser consideradas como pontuações de um novo tempo para a realidade dos corpos deficientes. Colocamos como pontuações, a questão de que há um interesse ideológico no deficiente; o resgate, pelo menos em parte, da discussão sobre a deficiência enquanto espaço de reorganização da dignidade da vida; o pensar sobre a problemática dos corpos deficientes centrado nas possibilidades de vida e não somente nas impossibilidades; a luta contra as desigualdades e a favor da compreensão das diferenças.

Magalhães (2003) escreve-nos que no século XX a sociedade começa a considerar a possibilidade das pessoas com deficiência poderem se inserir, inclusive no mercado de trabalho, onde a educação passa a ser o principal elemento para propiciar essa convivência. Fala, também, das contribuições à educação especial provenientes do trabalho na área da psicologia, pelo advento da filosofia da integração e, posteriormente, do paradigma da inclusão.

Nessa última época a questão da inclusão é bastante discutida, e iremos explorá-la de forma significativa, mas vale salientar, nesse momento, que em todo o processo que diz respeito à Educação Especial é fundamental.

Refletir sobre nossas concepções, crenças, ações, ou seja, pensar sobre as formas através das quais traduzimos a ‘diferença’ no cotidiano. Encontrar a tradução (ou traduções) para a ‘diferença’, parte constitutiva da vida social, pode

ser, também uma forma de, como diria Ferreira Gullar, TRADUZIR-SE neste encontro com o outro (MAGALHÃES, 2003, p. 32-33).

Tendo conhecimento de como as pessoas com necessidades educacionais especiais vêm sendo tratadas desde a Idade Antiga, fica claro que a Educação Especial é um processo novo na sociedade. Processo novo, no que diz respeito pensar a diversidade, a diferença, o diferente, o deficiente e a inclusão como realidades sociais. Gaio (2006), nos alerta que as diversidades e as diferenças devem estar inseridas numa sociedade em condições de receber, lidar e conviver com os deficientes, enfim numa sociedade na qual caibam todos, sem distinção.

Caminhando por esta estrada onde o processo é novo, sabemos que até a um tempo atrás as pessoas com necessidades educacionais especiais eram extremamente rejeitadas e excluídas da sociedade e do sistema educacional. Segundo Salomon (2004), muitas vezes a qualidade do contato da pessoa com o mundo e consigo mesma é deficitária, não oportunizando o uso dos seus sentimentos, percepções e movimentos, por isso, percebemos a necessidade de trabalhar de forma significativa o corpo com as pessoas com necessidades educacionais especiais.

Nesse sentido Oliveira (1997) nos diz que, no momento em que a criança percebe os estímulos do meio através dos seus sentidos, sentimentos e sensações, quando age sobre o mundo e os objetos por meio do movimento do seu corpo, está vivenciando, experienciando e criando. Isto nos mostra a importância do corpo incluído no ensino da Educação Física, para que os alunos se coloquem diante do mundo e saibam expressar seus sentimentos de forma plena, mostrando que são seres humanos e devem ser vistos como pessoas, apesar de suas deficiências e limitações.

É dessa preocupação de trabalhar o corpo com os alunos com necessidades educacionais especiais que surgiu o seguinte questionamento: De que forma os professores de Educação Física estão trabalhando o corpo das pessoas com necessidades educacionais especiais como meio de relacionamento com o mundo?

Pretendemos com este estudo, investigar como os professores de Educação Física trabalham o corpo de alunos com necessidades educacionais especiais como meio de relacionamento com o mundo, identificar e compreender as estratégias metodológicas utilizadas pelos professores de Educação Física para trabalharem o corpo de alunos com necessidades educacionais especiais como meio de

relacionamento com o mundo; identificar e compreender as concepções de corpo dos professores de Educação Física que trabalham com alunos com necessidades educacionais especiais e identificar e compreender as concepções dos professores de Educação Física em relação ao corpo dos alunos com necessidades educacionais especiais.

A inclusão como realmente possível e transformadora...

A inclusão está em destaque em discussões e muitas questões surgem, muitos aspectos se levantam. Mas que inclusão é essa? O que a caracteriza? O que é importante saber? O que se deve fazer?

Em primeiro lugar vamos tomar como princípio, concordando assim com Pereira (s/d), que temos de diferenciar a integração da inclusão. Onde integração diz respeito a tudo depender do aluno, ele tem que se adaptar buscando alternativas para se integrar; é uma alternativa, como nos diz Mantoan (s/d), em que tudo se mantém, nada se questiona do esquema em vigor. Já na inclusão, nos diz Pereira (s/d), o social é que deve se modificar e se preparar para receber o aluno com deficiência; onde sua meta é, nos fala Mantoan (s/d) não deixar ninguém fora do sistema, o qual terá que se adaptar às particularidades de seus alunos.

Abbamonte (s/d) nos aponta que a palavra inclusão não tem o significado de promover a adequação ou normalização, seu significado está, pois, mais próximo à possibilidade de fazer parte, conviver e não de se igualar.

Muito se quer uma sociedade mais inclusiva, onde as pessoas com necessidades educacionais especiais sejam aceitas e participem de forma plena e significativa na sociedade e escola. Para isso, segundo Amaro e Macedo (2004), percebe-se que é urgente, pois, pensar e agir numa perspectiva inclusiva para que se tenha uma educação de qualidade para todos os alunos. Há muito que ser refletido e principalmente mudado para se construir efetivamente uma prática inclusiva.

Bem nos fala Warschauer (2004) que é urgente rever o papel da escola, pois sua função primordial não é mais transmitir conhecimentos, mas sim formar pessoas. Onde os conhecimentos passem a ser contextualizados, onde se assuma o desafio da religação de saberes, onde se incluam as questões de participação,

criação, convivência. Onde se tenha, pois, uma revolução na forma de pensar, agir e sentir. Revolução essa que venha atuar nos preconceitos, proporcionando a aceitação das diferenças individuais e a convivência com a diversidade.

Nesse sentido Feltrin (2004) nos coloca que a escola, para conseguir caminhar em direção a uma verdadeira inclusão, deve ter compromisso com a mudança. Mudança essa onde devem ser revistos valores, normas modelos de aprendizagem, atitudes, relações, expectativas, participação de pais, alunos e comunidade. Provocando e exigindo das escolas, como fala Mantoan (s/d), novos posicionamentos, onde professores aperfeiçoem suas práticas. Inovação que implica um esforço de atualização e reestruturação das condições atuais da escola. Uma transformação, pois, geral das escolas.

Essa mesma autora nos coloca que para essa mudança se efetivar plenamente é fundamental e de extrema importância o exercício constante de reflexão e compartilhamento de idéias, sentimentos e ações; o questionamento da própria prática; professores se interagindo com regularidade, estudando juntos, estando abertos para colaborar na busca dos caminhos pedagógicos da inclusão.

A inclusão, como nos diz Guimarães (2003), sendo algo muito certo é um processo cheio de imprevistos, sem fórmulas prontas e que exige, é claro, aperfeiçoamento constante. E é por isso que quem enfrenta o desafio sempre terá recompensas.

Desse desafio bem nos escreve Stroili (2004, p. 46)

Reconhecer e trabalhar com a diversidade na escola, compreender que não existe homogeneidade nos grupos de classes, e que todos os sujeitos do processo educativo, alunos e professores, carregam consigo uma bagagem de saberes, valores, vivências culturais e expectativas diversificadas, parece ser o grande desafio de nosso tempo histórico.

É nesse sentido que reconhecer a inclusão é, pois, reconhecer que o respeito é a condição básica para se trabalhar com a diversidade, o qual nasce no convívio, na partilha e no reconhecimento mútuos que esse convívio gera. Isso não é fácil, porém essencial (PINTO, 2004).

Sendo o respeito, então, a condição básica para trabalhar com a diversidade, não podemos esquecer de que devemos trabalhar a partir da singularidade dos alunos, levando em conta suas características e investindo nas suas possibilidades de desenvolvimento e aprendizagem. Considerando, pois, que todos os alunos são

diferentes. (AMARO E MACEDO, 2004). É como nos fala Feltrin (2004, p. 17): “...cada aluno é um aluno, é único; e como tal deve ser tratado.” Devendo reconhecer que cada pessoa tem a sua contribuição para dar à sociedade, esquecendo a idéia de que se tem que ser “normal” para poder contribuir (STROILI, 2004).

Assim nos escreve Hegarty citado por Feltrin (2004): vê-se na inclusão a oportunidade das pessoas participarem das atividades educacionais, de emprego, consumo, recreação, comunitárias e domésticas, que são, pois, específicas do cotidiano social.

Falando, então, de valorização da diversidade e participação plena em atividades, podemos ter a inclusão tal como um caleidoscópio, o qual forma imagens com peças de vários tamanhos, cores e formas (GIMARÃES, 2003). Mas isso não prejudica em nada a construção da imagem, pelo contrário, é justamente essa variedade, diversidade das peças que faz a imagem mais bela; e muito interessante e mais belo ainda é que nunca uma imagem se repete, mostrando a riqueza da diferença. Todas as peças são importantes. É dessa forma que deve acontecer na escola e sociedade: todos participando e contribuindo para formar, a cada instante, uma imagem diferente, a qual nunca se repete, mostrando a riqueza da diferença e vivendo, verdadeiramente, a diversidade.

Como nos cita Mrech (2003), onde há participação de todos e não apenas de alguns. Forest et LUsthaus citados por Mantoan (s/d) nos colocam de forma bem descrita o caleidoscópio, falando que ele precisa de todos os pedaços que o compõem, pois quando se retira pedaços dele, o desenho se torna menos complexo, menos rico. E assim podemos transferir para o nosso cotidiano: as pessoas se desenvolvem, aprendem e evoluem melhor em um ambiente rico e variado. Feltrin (2004, p.65), diz que “Toda atenção atual, no entanto, é a de fazer com que pessoas ‘diferentes’ tornam-se parte da sociedade, e tornar-se parte da sociedade quer dizer participar de sua estrutura e desempenhar nela um papel social”.

Outra condição essencial para que as pessoas “diferentes” façam parte da sociedade, e assim aceitas, é o que a própria sociedade deve sempre lembrar, como nos coloca Gaio (2006, p. 87-88): “(...) que aceitar e viver de maneira diferente é promover a valorização do ser humano a partir do que ele realmente é, e não do que ele poderia ou deveria ser, segundo padrões que surgem da Construção social conveniente aos dominantes”. Não podemos ver e valorizar a pessoa com

necessidade educacionais especiais pelo estigma que criam dela, pois o estigma, assim nos diz Silva (2006), por ser uma marca, um rótulo, é o que mais evidencia; quando se passa a reconhecer alguém pelo rótulo, o relacionamento passa a ser com este, e não com o indivíduo. E, assim, idealiza-se uma vida particular dos deficientes, que vai explicar todos os seus comportamentos de uma forma inflexível: ele age assim porque é deficiente. Mais uma vez, então, destacamos que é importante aceitar as pessoas como elas são, valorizá-las e vê-las pelo que são e não pela deficiência; valorizar a diversidade e conviver de forma plena com as diferenças.

De acordo com Correia apud Feltrin (2004) a educação inclusiva pretende que todos os alunos, com as mais diversas capacidades, interesses, características e necessidades possam aprender juntos, sendo dada atenção ao seu desenvolvimento global, criando, dessa maneira, um verdadeiro sentido de igualdade de oportunidades, visando o sucesso escolar. Para tanto, faz-se necessário, como nos fala Feltrin (2004), a busca da compreensão no sentido de se entender as diferenças de cada um, diminuí-las, respeitá-las e conviver com elas. O mundo em que vivemos é feito de diferenças, por isso devemos aprender a conviver com elas. Como nos diz Freire citado por Cavalcante (2006, P. 13) em suas magníficas palavras: “qualidade de conviver com o diferente. Com o diferente, não com o inferior”. E o mesmo nos fala Ghrpelli citado por Gaio (2006, p. 35): “diferente, mas não desigual”.

Os caminhos metodológicos...

Esta pesquisa caracteriza-se como Estudo de Caso, dentro de uma abordagem qualitativa, pois Triviños e Neto (2004) escrevem que a base analógica está centrada na descrição, na análise e na interpretação das informações que são recolhidas durante o processo de investigação, procurando entender de forma contextualizada essas informações. Não existindo, dessa maneira, há preocupação em generalizar aquilo que é encontrado. A entrevistada é uma professora de Educação Física, que desenvolve suas atividades com os alunos com necessidades educacionais especiais, de uma escola da rede pública do município de Balneário Camboriú/SC.

Como encaminhamentos metodológicos, observamos as seguintes fases: identificação da escola que possui alunos com necessidades educacionais especiais que participam das aulas de Educação Física; contato com a escola, explicando os objetivos do estudo; aplicação da entrevista semi-estruturada com a professora de Educação Física que trabalha com os alunos com necessidades educacionais especiais, com temas, tais como: as concepções de corpo, as estratégias metodológicas utilizadas, dentre outros.

Procuramos seguir o que Triviños e Neto (2004) nos apontam como importante para uma observação: deve ser contínua e sistemática; abandonada somente quando o pesquisador estiver convencido de que já tem elementos suficientes para realizar a análise e interpretação; os registros devem ser os mais descritivos possíveis, não possuindo juízos de valor; deve acontecer a partir de algumas pautas de observação.

Instrumento

A pesquisa se deu através de entrevista semi-estruturada, onde os temas foram apresentados em forma de questões, buscando através dela, conhecer o trabalho da professora entrevistada.

As questões que nortearam a entrevista foram as seguintes:

- Como você vê (enxerga) seus alunos com necessidades educacionais especiais?
- Você os trata de forma diferenciada dos demais?
- O que significa inclusão para você?
- Qual a sua concepção de corpo?
- E a concepção que você tem do corpo de seus alunos com necessidades educacionais especiais?
- Você os vê como seres humanos ou os vê pela sua deficiência? O que marca mais quando os vê: sua deficiência ou as crianças que são?
- Seu planejamento, seu plano de aula inclui os alunos com necessidades educacionais especiais ou nem pensa neles ao planejar?
- O que você pensa sobre “o corpo e a relação com o mundo”?

- Você enxerga algum elo entre a Educação Física e a Educação Especial? Qual?

Apresentando e analisando os dados...

Depois de realizadas as entrevistas, os dados adquiridos foram analisados, como será mostrado seqüencialmente. Para melhor ilustrar, segue as respostas dadas pela professora de Educação Física entrevistada, que desenvolve suas atividades com as séries iniciais do Ensino Fundamental.

Quando questionada sobre **como vê seus alunos com necessidades especiais** a resposta que nos foi fornecida foi a seguinte: *“Procuro olhar meus alunos de uma forma em que todos possam sentir-se iguais, não há distinção de tratamento, sei que eles necessitam de um apoio maior, mais atenção e orientação, mas os vejo como crianças em busca de aprendizagem e é exatamente o que são, estão inseridos na educação dita “normal” e sendo assim creio que não há motivos para que sejam vistos de forma diferente”*.

Sobre o tratamento: *“Meus alunos são tratados de forma igual, não há diferenças entre eles, a condição de especiais não os faz melhores ou piores que os demais. Não há discriminação, seleção ou julgamento, cada qual é trabalhado em sua individualidade, tem seus limites respeitados, sendo ele especial ou não. A deficiência foi cultuada pela modernidade como uma causa biológica irreversível, ou seja, a pessoa nasce com a falta de algum sentido, habilidade ou órgão o que a impedirá de se desenvolver e aprender, perspectiva determinista do desenvolvimento humano. A perspectiva determinista instituiu as escolas voltadas para o atendimento exclusivo dessa clientela cuja ação está voltada ao assistencialismo, diminuindo o processo educacional, fortaleceu-se a segregação dessas pessoas, sejam crianças ou adultos, do convívio com a sociedade “normal” (KASSAR, 2005). Os alunos com necessidades especiais são insistentemente compreendidos como incapazes de aprender como os alunos “normais”, mas discordo desta forma de ver o aluno especial”*.

Quanto ao significado de inclusão: *“Incluir é trazer o aluno especial para dentro da sala de aula, para junto das atividades desenvolvidas pelos alunos ditos normais, mas mais do que trazer para dentro do contexto escolar, incluir é permitir*

que o aluno especial realize atividades de maneira igual ao demais, que ele possa aprender as mesmas coisas, da mesma forma, com o mesmo empenho, é buscar adaptar atividades, temas, abordagens, a fim de proporcionar ao educando especial a possibilidade de sentir-se parte do grupo, de sentir-se incluído e não apenas inserido em uma sala de aula, onde ele é apontado, rejeitado. No âmbito educacional a problemática continua sendo social. A prática ainda segrega crianças com necessidades especiais da escola regular (KASSAR 2005). Para compreender esta problemática é importante analisar a influência da psicologia com uma orientação objetiva e de caráter racionalista e as práticas educacionais para as crianças com necessidades especiais, que em diferentes concepções trataram de isolá-las do contexto cultural”.

Conforme Vygotsky (1997) a convivência das pessoas com necessidades especiais e as normais é o que promove a aprendizagem, estas interações são necessárias para uma aprendizagem que vai muito além dos conteúdos escolares, constituem-se em conteúdos humanísticos e renovadores.

Relativo à concepção de corpo: *“O corpo é a parte física que compõe o ser humano, é onde está hospedada a alma, é o que pode ser visualizado, sentido, estimulado, é a estrutura externa”.*

Concepção do corpo dos alunos com necessidades especiais: *“Da mesma forma que vejo o corpo dos alunos “normais”, o corpo é apenas uma estrutura, e nos alunos com necessidades especiais, às vezes ele apresenta algumas limitações, mas não deixa de ser uma estrutura física que compõe um ser humano. A forma é indiferente, o que faz uma pessoa não é o corpo e sim sua forma de interagir a partir dele”.*

Relativo à forma de ver os alunos, os vê como seres humanos ou os vê pela sua deficiência? O que marca mais quando os vê: sua deficiência ou as crianças que são? *“Vejo meus alunos como crianças, seres humanos em busca de crescimento, de aprendizagem, vejo-os como pessoas, com sua individualidade, com seus medos, carências, necessidades de apoio, atenção, independente de apresentarem ou não uma deficiência. Meus alunos são crianças, apenas crianças com suas particularidades, não importa se tem ou não necessidades especiais, pois estão incluídos e necessitam, serem vistos como crianças buscando aprender, não como pessoas com deficiências. É justo dizer que alguns alunos requerem maior atenção, mas nem sempre são os especiais que necessitam desta atenção*

redobrada”.

Sobre o planejamento: *“Meus planos de aula, meus planejamentos, a escolha de meus temas a serem abordados é feita através das necessidades e interesses dos alunos, as atividades são elaboradas buscando valorizar o que há de melhor em cada um, se houver alguma atividade que por ventura não possa ser realizada por um aluno especial, ela será adaptada para que ele possa realizá-la junto aos demais”.*

O corpo e a relação com o mundo... *“O corpo humano é o elo que liga o ser humano a sociedade, é a partir dele que somos vistos, lembrados, julgados, apontados, mas o corpo não é o que faz o ser humano interagir com o mundo, a interação, essa relação corpo e mundo se dá além do físico, do que pode ser tocado, a interação corpo e mundo acontece a partir dos pensamentos, das ações, da forma de ser e agir frente ao mundo e seus acontecimentos, o corpo é apenas um instrumento desta relação”.*

Referente à relação entre Educação Física e Educação Especial: *“A Educação seja ela Física, Especial, Regular ou seja lá como for classificada, tem sempre o mesmo objetivo, independente do segmento ou do enfoque para o qual está voltada, a educação preocupa-se com a instrução e valorização do aluno, buscando destacar em cada um suas potencialidades e trabalhar com elas, buscando sanar as dificuldades nas áreas em que necessitarem, proporcionando ao aluno um atendimento de excelência, comprometendo-se com o trabalho a ser realizado, educar vai além do buscar relação entre áreas da educação, ou potencialidades de educandos, educar é trabalhar com amor e dedicação, desenvolvendo atividades que possam promover ao educando o aprendizado de forma prazerosa, onde ele tenha a possibilidade de se desenvolver de forma completa, física, intelectual e emocional”.*

De acordo com as análises, observamos que a entrevistada, no contexto da Educação Física, trabalha o corpo, a fim de promover e enriquecer as várias formas de contato, procura criar e dar condições aos alunos com necessidades educacionais especiais de usarem seu corpo com naturalidade e desenvoltura, para assim se relacionarem com o mundo e se engajarem nele. Também, procura trabalhar a expressão dos sentimentos e emoções, as percepções e os movimentos.

No decorrer das falas, coloca a Educação Física como um meio que permite às pessoas sentir-se bem com seu corpo, assumindo uma realidade corporal e

permitindo a expressão de seu ser. Desta forma, teremos muito mais claro e evidente o movimento como suporte que ajuda as pessoas a adquirirem o conhecimento do mundo através de seus corpos, sensações e percepções.

Oliveira (1997), destaca que os profissionais de Educação Física têm uma visão de trabalharem com os alunos com necessidades educacionais especiais levando em conta a inserção e o engajamento com o mundo, pois o desenvolvimento de uma criança é o resultado da interação de seu corpo com os objetos, com as pessoas e com o mundo no qual estabelece ligações afetivas e emocionais. Todas as pessoas têm, então, o seu mundo construído a partir de suas experiências corporais.

O que concluímos, por enquanto...

Pensar, então, no trabalho do corpo com os alunos com necessidades educacionais especiais como meio de relacionamento com o mundo sendo essencial e extremamente importante é uma maneira de repensar a educação e tentar driblar aquilo que o mercado impõe. Pois, trabalhar com o corpo nessa perspectiva, em primeiro lugar “derruba” aquela idéia de corpo perfeito e padronizado. Em segundo lugar, isto mostra que somos o nosso corpo, sentimos e expressamos nossas emoções através do corpo, somos o resultado da interação do nosso corpo com o mundo, e assim deve ser visto e compreendido. E em terceiro lugar, abre caminhos para a perspectiva de educação inclusiva.

No nosso entendimento, estes argumentos são valiosos para que tenhamos certeza que precisamos repensar a educação e driblar as imposições da sociedade. Acreditamos que, pensando e trabalhando desta forma, teremos mudanças em relação à educação, por menores que sejam ou pareçam ser, o que importa é começar e mostrar atitudes e iniciativas. É necessário mostrar o quanto o preconceito e a discriminação acompanham as pessoas com necessidades educacionais especiais, muitas vezes deixando a sua relação com o mundo através do corpo, um tanto deficitária, pois na visão da sociedade o que ainda prevalece é a deficiência e não o que realmente essa pessoa é na sua essência.

Aprender a conviver com a diversidade e valorizá-la é fundamental; onde, se baseando naquilo que Gaio (2006) menciona, fazer uma leitura com olhos de quem

aceita o mundo com as diversas diferenças, as quais brotam da individualidade do ser humano, é ajudar a construir um mundo novo. Mundo esse que deve pensar junto com Feltrin (2004, p. 51): “(...) o mal do mundo está não em ser diferentes, mas em não aceitar a diferença, não reconhecê-la e não fazer dela instrumento de construção, crescimento social e igualdade entre pessoas”.

Pensemos e façamos: aceitemos a diferença, reconheçamos a diferença, façamos dela instrumento de construção, crescimento social e igualdade entre pessoas.

O que for feito nos dias de hoje em nome da questão da deficiência terá significados no mundo de amanhã, nos aponta Pereira (s/d) quando fala de questões da Declaração de Madri.

REFERÊNCIAS

ABBAMONTE, R. Inclusão Escolar: do que se trata? Disponível em <http://www.net.psi.com.br> Acesso em: 10 de jul. de 2007.

AMARO, D.G; MACEDO, L. Observação do aluno no cotidiano escolar: uma necessidade para a prática inclusiva. In: Scoz, B.J.L [et al]. Psicopedagogia: contribuições para a educação pós-moderna. Petrópolis, RJ: Vozes; São Paulo: ABPp, 2004.

BAUTISTA, R. et all. **Necessidades Educativas Especiais**. Lisboa: Dinalivro, 1997.

CABRAL, S.V. **Psicomotricidade Relacional – Prática Clínica e Escolar**. Rio de Janeiro: Revinter, 2001.

CAVALCANTE, M. Nova Escola. **Caminhos da Inclusão**. n° 11, outubro de 2006.

FELTRIN, A.E. **Inclusão social na escola: quando a pedagogia se encontra com a diferença**. São Paulo: Paulinas, 2004.

GUIMARÃES, A. Nona Escola. **Inclusão que funciona**. Setembro de 2003.

MAGALHÃES, R.C.B.P. **Reflexões sobre a diferença: uma introdução à educação especial**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2003.

MANTOAN, M.T.E. Todas as crianças são bem vindas à escola. Disponível em: <http://www.pro-inclusao.org.br> Acesso em: 10 de jul. de 2007.

MANTOAN, M.T.E. Integração X Inclusão. Escola (de qualidade) para Todos. Disponível em: <http://www.pro-inclusao.org.br> Acesso em: 10 de jul. de 2007.

MRECH, L.M. A formação dos docentes: quais competências para o ensino individualizado e a integração escolar da diversidade. Disponível em: <http://www.educacaoonline.pro.br> Acesso em: 08 de set. de 2003.

NEGRINI A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas. Porto Alegre: Editora da UFRGS/Sulina, 2004.

NICOLA, M. **Psicomotricidade – Manual Básico.** Rio de Janeiro: Revinter, 2004.

OLIVEIRA, G. de C. **Psicomotricidade: educação e reeducação num enfoque psicopedagógico.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

PEREIRA, M.M. Inclusão escolar: um desafio entre o ideal e o real. Disponível em: <<http://www.pedagogobrasil.com.br>> Acesso em : 10 de jul. de 2007.

SALOMON, S.M. Experiências que propiciam o aprender – Abrindo as portas da percepção, da intuição, da vivência corporal: caminho do encontro para a aprendizagem. In: Scoz, B.J.L [et al]. **Psicopedagogia: contribuições para a educação pós-moderna.** Petrópolis, RJ: Vozes; São Paulo: ABPp, 2004.

SILVA, L.M. O estranhamento causado pela deficiência: preconceito e experiência. Disponível em: <[http:// www.scielo.br](http://www.scielo.br)> Acesso em: 19 de jun. de 2007.

STROILI, M.H.M. O vínculo afetivo e a inclusão com sucesso. In: Scoz, B.J.L [et al]. **Psicopedagogia: contribuições para a educação pós-moderna.** Petrópolis, RJ: Vozes; São Paulo: ABPp, 2004.

WARSCHAUER, C. Rodas e narrativas: caminhos para a autoria de pensamento, para a inclusão e a formação. In: Scoz, B.J.L [et al]. **Psicopedagogia: contribuições para a educação pós-moderna.** Petrópolis, RJ: Vozes; São Paulo: ABPp, 2004.